

## **PROFESSOR(A) OU EDUCADOR(A)? FACILITADOR(A) OU MEDIADOR(A)?**

### ***TEACHER OR EDUCATOR? FACILITATOR OR MEDIATOR?***

**Maria Lúcia Silva FRUCTUOSO<sup>1</sup>**

*"É preciso vivenciar o caos  
para fazer nascer uma nova estrela".  
(Nietzsche)*

Recentemente, pude eu e meus colegas do curso de mestrado em Educação participar da I Jornada de Estudos sobre Metodologia de Ensino na Área de Saúde, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Campinas.

No primeiro momento, após o convite, confesso que fiquei questionando a validade de tal jornada para os nossos estudos. Me propus então, a participar como observadora para que eu pudesse entender o que estava acontecendo. Paciência, disse eu para mim mesma; você não é tão curiosa?!!! Vá e retire algo de positivo para a sua experiência, não é assim que você tem encarado os vários acontecimentos da vida?

O primeiro encontro se deu em 18 e 19 de maio/1999 quando ouvimos as experiências do Prof. Dr. Nildo A. Batista que abordou os vários tipos de transições registradas no momento atual, quais sejam: epidemiológica, tecnológica e ecológica. A segunda abordagem foi feita pela Profa. Dra. Denise Norato (Unicamp) sobre a interdisciplinaridade, a problematização do processo ensino-aprendizagem, relações professor-aluno e situações de ensino com problemas emergentes, como as habilidades de raciocínio, auto-avaliações, aprendizagem ativa e aplicações práticas. A terceira palestrante, Profa. Dra. Sylvia H. Souza da Silva (Unicamp) abordou os seguintes tópicos: a falta de conhecimentos do(a) professor(a) diante da acelerada mudança, o significado de formação do estudante, ser professor e virar

<sup>(1)</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - PUC-Campinas e professora da área de História da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (MG)



**Ponto  
de  
Vista**

professor, educação continuada e ser professor na área de Saúde.

O segundo encontro aconteceu em 08 e 09 de junho/1999 com as palestras dos Professores Dr. Roberto Q. Padilha e Profa. Mara Q. Quirelli, ambos da Faculdade de Medicina de Marília - SP (FAMEMA), que expuseram sobre a mudança da metodologia ativa implantada na faculdade - modelo Mac - importado do Canadá, que tem como característica a motivação para o aprendizado no aprender a aprender, no raciocínio crítico, no respeito às habilidades profissionais, na promoção e manutenção da saúde através da prevenção e na interação comunitária, pois, como disse o Dr. Roberto, "é muita pretensão querer ensinar a arte para o aluno", e diante de tal colocação fiz a observação para mim mesma, é preciso conduzi-lo à sua própria arte. A arte de criar o seu conhecimento, a sua própria história.

Continuando como observadora nos grupos de trabalho, pude sentir como as questões metodológicas permeiam a inquietação de alguns professores da área de saúde e de alguns estudantes, aqueles que têm mais consciência crítica do seu papel no processo de formação profissional e pessoal. Daí, pasmem, estava eu diante da relação da jornada com as questões da Educação. Como não percebi isso antes? Eu que sempre questioneei a relação professor-aluno, a didática no processo ensino-aprendizagem, percebi, então, o quão voltada para as minhas questões eu estava... A educação está em todas as áreas, dizia pra mim mesma. Você não percebe que um dos problemas do caos que estamos vivendo está justamente na fragmentação, na falta de percepção do todo? Perguntava a mim mesma. Foi um diálogo interno intenso, uma bela reflexão!

Pensei então o quanto somos viciados e fechados em nossa área de atuação. Uma Jornada de Estudos na Área da Saúde não deve estar relacionada apenas aos profissionais dessa área, mas à toda sociedade, pois estamos todos envolvidos direta ou indiretamente com estas

questões. Garantir a interdisciplinaridade é nosso dever, e buscar a transdisciplinaridade é nossa obrigação. Quanta onipotência encarnada na figura do(a) professor(a). Mesmo sendo professor(a), mestre(a) ou doutor(a), somos aprendizes durante toda a vida, mas a máscara que vestimos não nos permitem atuar como polos complementares e ficamos totalmente dissociados de uma realidade que é **nossa**.

Ser professor(a) é muito fácil, e temos uma receita que ainda é bem usada: juntam-se muitas informações sobre determinado tema, floreia-se bastante com palavras bonitas e difíceis (que é para impressionar) e preencha-se o quadro negro com muitos escritos. Exija-se então do(a) aluno(a) a cópia perfeita de tudo, sua posição na carteira e na sala, o silêncio absoluto, o não questionamento tolhido com expressões do tipo "quem manda aqui sou eu", "sabe com quem está falando?" "você é burro?" etc, etc... Ou simplesmente, "faz-se de conta" que reaprendeu e incorporou as atitudes de um(a) professor(a) comprometido(a) com o ato de educar pelo processo da mediação, e no final avalia-se cobrando o "seu" (do(a) professor(a)) pensamento sobre tudo e não as reflexões, a arte da construção do(a) seu(ua) aluno(a).

Compreendo por mediação, a participação do(a) professor(a) com intervenções junto ao(à) aluno(a), buscando despertar a curiosidade na busca de significados para os símbolos que se fizerem presentes durante uma relação de descobertas e construção do conhecimento. Há uma grande tendência em se interpretar esta mediação como algo com respostas prontas que bloqueiam a criatividade do ser humano. Da mesma forma acontece com a expressão "professor(a) facilitador(a)", que no senso comum adquire também a conotação de professor(a) que entrega o "saber pronto". Esse conceito, do meu ponto de vista, também não deve ser confundido como "um banalizador de conhecimentos", mas encarado como um condutor de descobertas de significados.

Ser educador, no entanto, passa por questões mais amplas: pela consciência de seu próprio papel de ser humano no mundo. De pessoa que incita sempre no outro a possibilidade de novas descobertas, de desejo de saber, de criar, de estar se unindo em grupos que trocam experiências de aprendizagem significativa, ou seja, de aprendizagem que provoca modificações de comportamento, de atitudes e não apenas como acumulação de fatos isolados, fragmentados.

É ser capaz de mediar a construção do conhecimento pela problematização de qualquer tema, sem contudo facilitar a aprendizagem “dando tudo pronto” como verdade absoluta, pois reconhece o saber como algo inacabado e que se constrói continuamente numa relação histórica com a realidade.

O educador é aquele que se manifesta perante o outro, como uma pessoa passível de sentimentos, de “erros” e “acertos”, de sabedoria unida ao conhecimento e sabe aceitar o(a) aluno(a) como uma pessoa que possui o seu próprio valor, que é digno de confiança e que tem sentimentos que podem perturbar ou promover a aprendizagem, portanto, que é um ser humano merecedor de buscar, experimentar e descobrir aquilo que lhe engrandece o “EU”.

Concordo com os princípios de Carl ROGERS (1977) em relação a aprendizagem. Para ele, o ser humano é capaz de se mobilizar e ser mobilizado para a busca do conhecimento, quando é respeitado como um ser criativo capaz de se transformar e caminhar para o crescimento pessoal através da mediação do educador. Numa reunião de estudo na Universidade de Harvard, em fevereiro de 1958, causou muita polêmica quando apresentou o que haviam lhe pedido - uma demonstração do “ensino centrado no aluno”. No seu relato, ele dizia que não acreditava que alguém pudesse ensinar outra pessoa e que a aprendizagem para ele, ocorre pela *mediação* que o educador deve fazer entre o problema a ser pesquisado e a compreensão do educando.

Ele diz:

*“Julgo que uma das melhores maneiras, mas das mais difíceis, para mim de aprender é abandonar minhas defesas, pelo menos temporariamente, e tentar compreender como é que a outra pessoa encara e sente a sua própria experiência. Para mim, uma outra forma de aprender é confessar as minhas próprias dúvidas, procurar esclarecer os meus enigmas, a fim de compreender melhor o significado real da minha experiência”.*

Não podemos excluir da nossa reflexão e prática a proposta de Rogers. Hoje, diante de tantos problemas que envolvem a Educação, é fundamental rever nossos papéis no processo educacional e desmascaramo-nos de nós mesmos para descobrirmos quem realmente somos e o que queremos construir para nós e para toda a humanidade.

Neste final de século, temos presenciado uma reflexão maior sobre a mudança de paradigmas para a Educação. Acredita-se que muitos profissionais da área estejam reavaliando suas posturas e procurando transformá-las pelo desejo de romper com os paradigmas tradicionais e buscar mais significado para a sua própria profissão.

Esta preocupação pode ser constatada na jornada citada no início desse artigo, pelas considerações como: “é preciso o exercício da humildade para perceber que estratégias precisam ser mudadas”; “deve existir a união entre professores e alunos, pois ambos estão angustiados, e buscar a construção de uma proposta diferente”; “é preciso retomar a humildade de quem aprende”; “precisamos de cursos sobre as teorias pedagógicas para fundamentação e trabalhar o discurso com a prática voltados para a ética e a cidadania na área da saúde”.

No entanto, ainda percebemos que outros ainda resistem, mas é preciso concordar com CUNHA (1998) que *“a mudança do professor é fruto de um processo e que, mesmo havendo*

*uma dimensão desencadeadora, ela acontece como resultado de múltiplos fatores”, e para muitos é a longo prazo.*

Não podemos esquecer que a própria estrutura social absorve a pessoa num emaranhado de acontecimentos (excesso de reuniões, excesso de aulas, de compromissos extra sala-de-aula, etc) impedindo em muitos momentos que o(a) professor(a) tenha condições de tempo e espaço para as leituras sobre outras concepções pedagógicas ou participação em grupos de estudos. O próprio envolvimento com as questões de ordens econômicas, devido ao achatamento salarial e à recessão experienciada no momento atual, desencadeiam uma série de desequilíbrio psicológico no ser humano impedindo-o que ele amplie o olhar para a reflexão de sua própria prática.

Nesse processo, vejo como necessária uma estrutura de apoio à reflexão do fazer pedagógico pelos especialistas e administração escolar, no sentido de organizar melhor junto ao corpo docente, espaços de discussões com atividades vivenciadas pelos acontecimentos cotidianos. Este tipo de atividade, no meu entendimento, possibilita chegar à estranheza das próprias atitudes, desequilibrando a própria estrutura e sedimentando a transformação pessoal e profissional numa atitude de *ação-reflexão-ação*. Creio que em atividades programadas em que o(a) professor(a) possa se **ver** na ação, conseqüentemente ele(a) poderá refletir sobre e confirmar ou reformular a sua postura diante das mais diversas situações. Mas para isso, é preciso coragem no enfrentamento das próprias fraquezas e falhas e aceitar que o erro faz parte da (re)construção sendo um grande referencial para mais acertos.

De acordo com Vygotsky, o desenvolvimento do ser humano só é possível pelo contato com um grupo cultural que possibilita instrumentos e signos para a elaboração do seu aprendizado e reconstrução

pessoal de suas experiências. Assim, o *outro* tem participação direta na formação da pessoa, tem o poder de fazê-la (re)pensar seu aprendizado e reelaborá-lo conforme o que é desencadeado por seu ambiente sócio-cultural, que interfere e determina o despertar de processos internos.

Nessa perspectiva, somos simultaneamente educadores(as) e educandos(as), pois “*quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender*” (FREIRE, 1996), portanto, somos responsáveis pelo processo de desenvolvimento individual e social, e deveremos ser capazes de buscar no *outro* muitas respostas para nossas inquietações e ao mesmo tempo, proporcionar-lhe o equilíbrio entre o prazer individual e as necessidades sociais através de uma relação verdadeira, a favor da ética e do respeito mútuo.

Admiro a iniciativa dos professores(as) da área de saúde ao buscar na área da educação uma integração que possa indicar-lhes um caminho diferente como possibilidade de reflexão da sua prática docente. É bem verdade, que nem todos se encontram envolvidos e preocupados com a **arte de educar** e sim de formar profissionais, mas penso que a chama se acendeu e poderá, espero, inflamar e alastrar-se inclusive para outras áreas contaminando cada um no despertar de um espírito inovador, a favor de toda humanidade. Destaco aqui, o relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI - **EDUCAÇÃO: um tesouro a descobrir**.

*“a educação deve organizar-se à volta de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão dalgum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: **aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos; aprender a ser**” (grifos meus).*

Penso, que aprender a viver juntos, depois de um longo tempo no isolamento do individualismo determinados pela ideologia positivista, seja para nós o desafio maior na

medida em que **juntos** só é possível pelo exercício do despreendimento material, da não vaidade, da solidariedade, do compartilhar, da complementaridade. Diante de tanta violência, da exploração humana, da discriminação, do preconceito, da desesperança, da violação dos direitos humanos, parece ser mesmo impossível tal aprendizado, mas a iniciativa parte de nós mesmos, através de pequenos grupos, como o da área de saúde da PUC-Campinas. Não podemos deixar-nos envolver pela ideologia neo-liberal que nos rouba inclusive o direito de lutar e sonhar com um mundo melhor. É urgente a descoberta de nós mesmos e do outro, pois seres humanos são capazes de fazer a guerra e matar pessoas, mas ao mesmo tempo são capazes de reverter a situação e proclamar a PAZ e transformar as próprias ações.

A tomada de decisão, de querer reencontrar valores é fundamental para a retomada da própria identidade de professor(a), perdida ao longo do tempo, pela desvalorização profissional por não saber substituir e superar a imagem desqualificada que o Estado se encarregou de propagar. Se somos um dos grupos profissionais mais numerosos das sociedades contemporâneas, segundo Nóvoa (1991), porque não revertermos a situação conflituosa em que estamos imersos? É certo, que pela dificuldade de integração e direcionamento dos nossos objetivos, em muitos momentos nos sentimos "perdidos(as)", mas não podemos desprezar o nosso potencial científico e acadêmico. Somos seres criativos e recriar a nossa prática deverá ser para nós, motivo de recondução de nosso próprio saber.

Não podemos perder de vista que a autonomia e autoridade são conquistadas a cada minuto de nossa existência através de

nossas ações. À medida que perdemos os nossos medos de romper com os padrões tradicionais tão arraigados em nossa cultura e enfrentamos o novo, nos tornamos mais conscientes, mais autoconfiantes e ativamos a nossa força interior que nos conduz a mais realizações. Deixemos então o vício da transmissão de conhecimentos e busquemos o reencanto da Educação pela paixão de *educar*.

### Bibliografia

- ALVES, Rubem. Os moradores do albergue. *Correio Popular*, caderno C, p-6, Campinas, 13/06/1999.
- CUNHA, Maria Isabel da. *O Professor Universitário na transição de paradigmas*. Araraquara: JM Editora, 1998.
- DELORS, Jacques e outros. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. In: *Educação: um tesouro a descobrir*. 2.ed. Lisboa: Edições Asa, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 10.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- KUPFER, Maria Cristina. *Freud e a Educação: o mestre do impossível*. 3.ed. São Paulo: Scipione.
- MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. 2.ed. Lisboa: Morais Editora, 1964.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico*. 3.ed. São Paulo: Scipione, 1995.
- ROGERS, Carl R. *Tornar-se Pessoa*. Trad. Manuel José do Carmo Ferreira. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.